

Economia - Brasil

CORREIO BRAZILIENSE

# INOCÊNCIA PERDIDA NA ZONA CANAVIEIRA

Marcionila Teixeira  
Do Diário de Pernambuco

**Ipojuca (PE)** — A crise na indústria do açúcar em Pernambuco foi cruel com os meninos da zona canavieira do estado. Levou-os compulsoriamente para o arriscado trabalho no corte da cana. Com as meninas, tem sido implacável. Sem condições físicas de desempenhar as mesmas funções dos irmãos, elas — como os pais — não têm onde trabalhar. A prostituição surge como única alternativa de sobrevivência. A exemplo do que acontece no sertão, as entidades que trabalham com o problema na região não dispõem de números. Mas confirmam que a exploração sexual de crianças também se tornou rotina na zona canavieira.

Em Ipojuca, a 47km da capital, as discotecas e o acostamento da rodovia PE-60, que liga Recife às praias do litoral sul, são o cenário onde as meninas se prostituem. Há dois anos, A.V.S., 16 anos, gostava de sair à noite apenas para dançar. Convencida pelas amigas, começou a cobrar para sair com homens. Apesar da falta de comida em casa, ela prefere gastar com roupas o dinheiro arrecadado.

Segundo diretores do Sindicato Rural de Ipojuca, a maioria das meninas prostitutas da cidade vive na favela João de Barros. É lá que mora A.V.S.. “As donas-de-casa deixaram de contratar empregadas domésticas. O dinheiro acabou e elas preferem fazer os serviços sozinhas”, lamenta a garota.

Em Sirinhaém, a 9km da capital, o distrito de Santo Amaro, a apenas 3km da sede do município, entrou para o mapa da prostituição infantil graças à repressão policial no centro do Recife. Depois que a Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA) e o promotor Alexandre Augusto Bezerra fecharam onze prostíbulos na capital, o vilarejo acabou se tornando o refúgio das cafetinas que exploram as meninas. O problema só mudou de endereço.

Para Bezerra, a prostituição é causada pelo empobrecimento, desagregação familiar, alcoolismo dos pais e ociosidade. Ele admite que não adianta só fechar os prostíbulos — porque eles reabrem em outros pontos. É preciso “educar na escola ou por meio de outros serviços sociais”.

Para a pediatra Zilmar Marques, responsável pelo posto médico de Santo Amaro, as jovens se envolvem com a prostituição porque ficam ociosas a maior parte do tempo. “Santo Amaro não tem alternativa. Em Barra de Sirinhaém a situação é melhor porque há outras fontes de renda, como a pesca ou o trabalho de caseiro.”

Basta circular de madrugada pelas ruas de Barreiros, a 102Km do

Recife, para assistir ao vai-e-vem das meninas de 12 e 13 anos de bar em bar com seus clientes. “Em todo canto de rua tem menina se prostituindo”, diz Lígia Melo, da Associação de Moradores Divino Espírito Santo.

O fechamento das usinas Santo André e Central deixou muitos desempregados e um rastro de problemas sociais. “Sem outra fonte de renda, as meninas vão se prostituir”, avalia Lígia. Próximas do litoral, as cidades convivem ainda com a fuga das meninas para as praias, onde, sem esforço, elas conseguem marcar programas com turistas.

## CAMINHONEIROS

Às margens da BR-101 Sul, os caminhoneiros são os principais clientes das meninas que deixaram os engenhos das falidas usinas Treze de Maio e Santa Terezinha para ganhar a vida como prostitutas na periferia de Palmares. Segundo o prefeito da cidade, Francisco de Assis Rodrigues, as perspectivas são sombrias: “Mais duas usinas estão em dificuldades e um total de 40% da população está desempregada”.

L.M.C., 13 anos, é uma morena bonita, de olhos puxados e dentes muito brancos que mora em Ipoju-

ca. A casinha com paredes de barro, onde vive junto com o pai e com os irmãos, fica embaixo de uma ponte, que também serve de teto. Ninguém na casa trabalha. No entanto, a menina franzina com sintomas de desnutrição grave, que ainda nem menstruou e dorme com uma chupeta na boca, encontrou uma forma de alimentar os irmãos: ela ganha dinheiro se prostituindo.

A idéia de vender o corpo em troca de dinheiro partiu de uma conversa entre L. e a amiga e vizinha E.M.S., 12. “A gente sai com os homens para dar beijo e abraço. Mas quando chego em casa lavo a boca”, disse E. A irmã dela, M.C.S., de apenas 7 anos, acompanha os programas. “Quando vou com elas fico no banheiro. Às vezes fico no quarto, mas não gosto de olhar o que elas fazem”, comenta a menina, entre sorrisos.

As meninas afirmam que são virgens, mas um pouco de conversa indica o contrário. E., por

exemplo, conta que L. foi estuprada aos 10 anos, quando morava num engenho.

Os passeios, como elas chamam os programas, acontecem durante a tarde. As garotas vão juntas para os quartos com os homens. Garantem que ganham até R\$ 7,00 de cada cliente. O dinheiro é gasto com pinga para o pai, no caso de L., e com

mistura, um prato preparado com charque, galinha e ovo.

Na história das famílias das duas amigas há os mesmos ingredientes de miséria e desespero: a mãe de L. morreu de tuberculose e seu pai está sem emprego. A mãe de

E. e M. é catadora de lixo e o padasto delas também está desempregado. As meninas parecem não saber dos riscos que correm. Ambas já conhecem a gonorréia, mas não fazem referência à prevenção de Aids ou de outras doenças sexualmente transmissíveis. Sonham ainda com bonecas e desenhos animados, mas na vida real enfrentam o perigo imi-

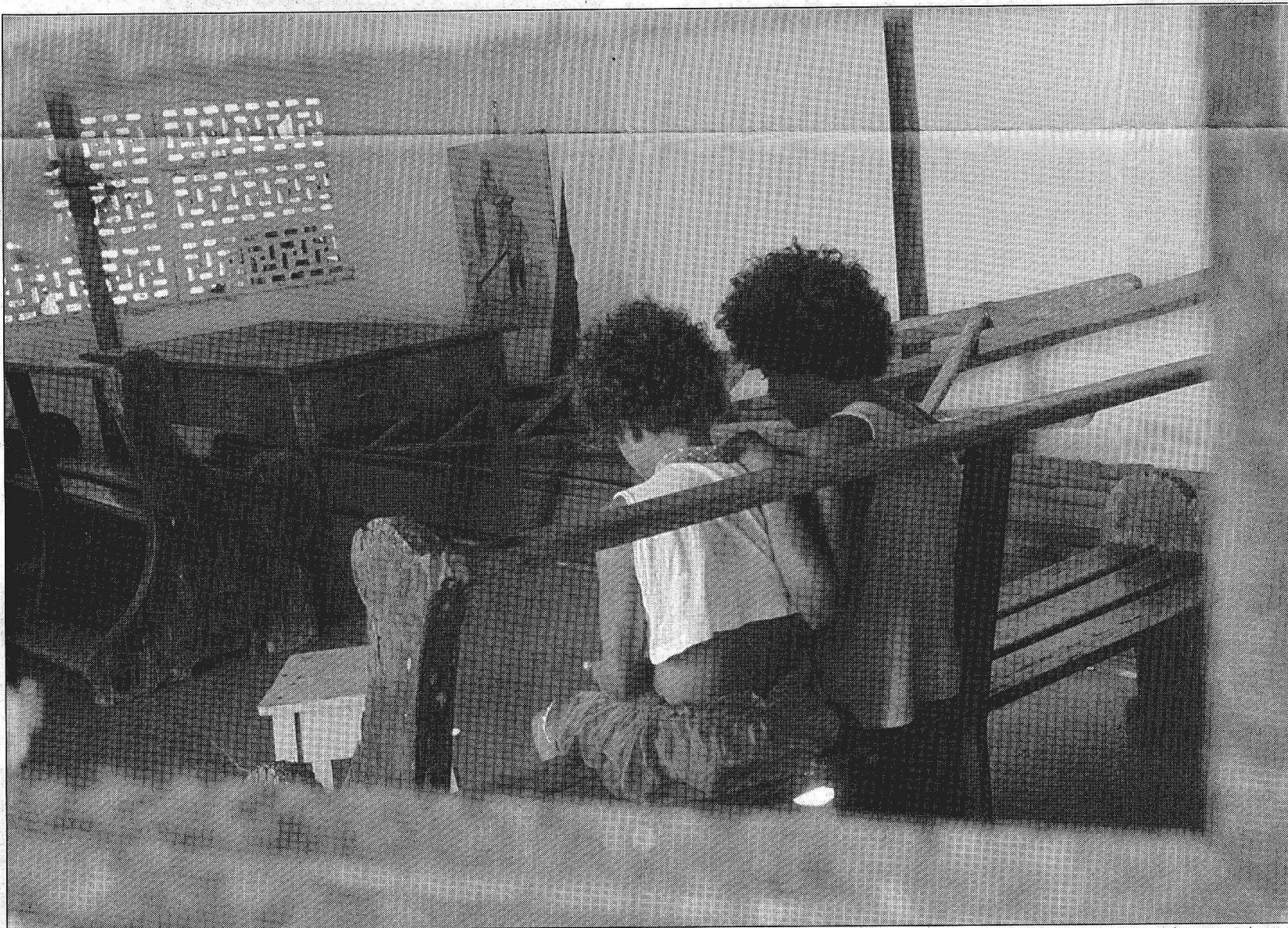
“EM TODO CANTO DE RUA TEM MENINA SE PROSTITUINDO”

Lígia Melo,  
da Associação de Moradores  
Divino Espírito Santo

Fotos: Teresa Maia/ Diário de Pernambuco



L.M.C., 13 anos: companhia da irmã de 7 anos nos programas sexuais



As garotas A.C.S., 10 anos, e D.C.S., 13, vivem sujas pelas ruas de Santo Amaro, em Sirinhaém, na Zona da Mata de Pernambuco: sexo até por R\$ 0,50 e R\$ 1,00